

A ABORDAGEM DE BAKHTIN E FIORIN SOBRE LINGUAGEM E IDEOLOGIA E SUA RELAÇÃO COM A SALA DE AULA

Yoná Milhomem de Oliveira (UEMASUL)

m.yon128@yahoo.com

Carlos Alberto Fonseca Santos (UEMASUL)

carlosyssame1992@gmail.com

Inácia Neta Brilhante de Sousa (UEMASUL)

profinacia@hotmail.com

RESUMO

A linguagem, tomada como meio de interação social, pode ser afetada por fatores sociais. Nesse sentido, a sala de aula é o lugar no qual acontecem interações a partir da linguagem e onde se desenvolvem a formação ideológica dos indivíduos. Tomando como base as abordagens de Bakhtin e de Fiorin, as quais versam acerca da linguagem e da ideologia, o presente artigo tem por objetivo apresentar o vínculo existente entre esses dois sistemas e a partir disso analisá-los sob a perspectiva da sala de aula. A metodologia utilizada para a abordagem da temática fundamenta-se em levantamento bibliográfico de cunho descritivo exploratório, contemplando os referidos teóricos. Tendo em vista os elementos que subsidiam a Linguística, entende-se que a palavra, ao ser portadora de significado e poder, com grande potencial ideológico, é uma ferramenta que viabiliza a relação dialógica e a construção da existência humana, potencializadas em sala de aula.

Palavras-chave:

Interação Social. Ideologia e Linguagem. Sala de aula.

ABSTRACT

Language, taken as a means of social interaction, can be affected by social factors. In this sense, the classroom is the place where interactions take place based on language and where the ideological formation of individuals develops. Based on Bakhtin's and Fiorin's approaches, which deal with language and ideology, this article aims to present the link between these two systems and from this point of view to analyze them from the perspective of the classroom. The methodology used to approach the theme is based on a bibliographic survey of exploratory descriptive nature, contemplating the referred theorists. Considering the elements that support Linguistics, it is understood that the word, being a carrier of meaning and power, with great ideological potential, is a tool that enables the dialogical relationship and the construction of human existence, enhanced in the classroom.

Keywords:

Classroom. Social Interaction. Ideology and Language.

1. Introdução

A língua é considerada parte social da linguagem a partir do momento em que a Linguística se consolidou como ciência autônoma. Dessa forma, o estudo da língua recaiu em si mesma, deixando de lado os aspectos externos dela, ou seja, sua concretização social, assim a linguagem, no contexto da sociedade, em seu âmbito interacional, obteve êxito ao ser abordada pelo Círculo de Bakhtin.

Partindo de conceitos marxistas, Mikhail Bakhtin (2006) em “Marxismo e Filosofia da Linguagem” concebe o signo linguístico como também ideológico, e José Luiz Fiorin (1998) em “Linguagem e Ideologia” compreende a semântica discursiva como a área da linguagem que sofre influências sociais e portanto, ideológicas, com isso entendem que a ideologia forma o pensamento individual.

Ao se aprofundar nos conceitos que ambos os linguistas trazem em suas obras, compreende-se a impossibilidade de um discurso não-ideológico, principalmente dentro da sala de aula que possui como objetivo a transmissão da cultura de forma sistematizada da geração anterior a uma geração atual.

A partir do exposto, este artigo foi organizado em três tópicos: a abordagem de Bakhtin, a abordagem de Fiorin e a linguagem e a ideologia dentro da sala de aula. No primeiro tópico, será apresentado o ponto de vista de Mikhail Bakhtin acerca do signo e da ideologia. No segundo tópico, faz-se visível a ideologia intrínseca na linguagem pela perspectiva de Fiorin e no terceiro tópico, como essas abordagens se relacionam com o contexto escolar.

É necessário que haja esse estudo por ser concernente ao campo da Linguística e torná-la mais próxima do meio social, podendo assim ser utilizada dentro da sala de aula, local que reflete a sociedade em suas relações e, tal como esta última, é influência no processo de desenvolvimento do indivíduo. Para tanto, há neste trabalho referências teóricas as quais se baseiam no marxismo para explicar a linguagem e sua essência ideológica, bem como para compreender que só é possível abordar a linguagem, de forma completa, ao inseri-la em seu cenário de atuação.

2. A abordagem de Bakhtin

A concepção bakhtiniana de linguagem advém de sua natureza

social, como explica Voloshinov (1981), ela é produto da criatividade humana e se desenvolve nas relações materiais e, portanto, linguagem e trabalho estão essencialmente interligados.

Seguindo essa linha de pensamento, Bakhtin se opõe ao conceito de língua trabalhado por Saussure em que “é indispensável partir da língua como sistema de formas cuja identidade se refira a uma norma e esclarecer todos os fatos da linguagem como referência a suas formas estáveis e autônomas” (BAKHTIN, 2006, p. 87), e entende que esse “sistema de formas” é algo abstrato. A língua não tem importância enquanto um sistema estável, mas sim no contexto em que é utilizada, sua importância vem de sua variabilidade e flexibilidade. A relação entre o falante, o outro e o objeto é o que mantém a língua viva e concede-lhe relevância.

Tomar a língua como um sistema superior e imutável a torna uma, o que, por sua vez, torna o signo linguístico monovalente, desconsiderando sua realidade material (BAKHTIN, 2006). O autor ressalta que não se aprende uma língua por um manual, ela é adquirida dentro da vivência em um determinado grupo social, determinado por sua classe social. Assim, a linguagem existe em todas as esferas da vida humana, em sua organização e suas relações e é moldada por elas.

Partindo do pressuposto de que a linguagem é social e se dá na interação entre indivíduos, pode-se deduzir que ela é influenciada por fatores sociais e que, portanto, a ideologia está presente nela. Os signos são mediadores da ideologia, por poderem refletir e refratar a realidade. Assim, não há ideologia sem signos. Um signo é, ao mesmo tempo, reflexo da realidade e parte dela.

De acordo com Bakhtin (2006, p. 32), “[...] a própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signo”, de forma a criticar o psicologismo e o idealismo, os quais afirmavam a ideologia na consciência, ele situou a ideologia na realidade, assim, a compreensão se dava na consciência por meio de uma encarnação material, sendo esta última o signo. Nesse sentido, esse teórico considerou a consciência individual como sócio ideológica.

Assim, os processos individuais de pensamento que se tem são puramente físicos, afinal os signos são constituídos do processo de interação entre uma consciência individual e outra. “Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis” (BAKHTIN, 2006, p. 34). Isso ultrapassa o campo fisiológico, pois “se não nos voltássemos para a função semiótica

do discurso interior e para todos os outros movimentos expressivos que formam o psiquismo, nós estaríamos diante de um processo fisiológico puro” (BAKHTIN, 2006, p. 51).

O referido autor (2006) afirma, ainda, que a palavra é o modo mais puro e sensível da relação social, ela é um signo neutro, pois, não tem uma função ideológica específica servindo para os fins que lhe forem consignados. As formas discursivas e a conversação se situam na palavra, assim palavra tem cinco aspectos que a tornam essencial para o estudo da ideologia: pureza semiótica, neutralidade ideológica, implicação na comunicação humana ordinária, possibilidade de interiorização e presença em todo ato consciente.

A pureza semiótica porque toda a realidade da palavra é absorvida pela função de signo; a neutralidade ideológica se refere ao fato de ela poder preencher qualquer tipo de função ideológica; implicação na comunicação humana ordinária pois a palavra está presente em todas as relações humanas; possibilidade de interiorização no sentido de que é a palavra é o material da consciência; e, sua presença perpassa todo ato consciente, de forma que está presente em toda criação ideológica.

O termo “Psicologia do corpo social” é utilizado para explicar a relação estabelecida entre a estrutura sócio-política e a ideologia que se concretizam na interação verbal num processo de comunicação (BAKHTIN, 2006). Como esse elo de contato é estabelecido pelas relações de trabalho e a estrutura sócio-política, os temas e as formas do ato da fala originam-se dele.

Os objetos que recebem atenção de determinado grupo social é o que dá origem aos signos, por conseguinte, os signos são ligados à situação econômica do grupo social, então, possuem uma significação interindividual e um valor social. Dada a origem da constituição de um signo em certa realidade, essa realidade recebe o nome de “tema do signo”. O tema e a forma de um signo ideológico são dois lados de uma mesma coisa que se manifesta na palavra.

Como já mencionado, o signo é plurivalente. É essa dinâmica, essa dialética presente no seio dele, que o torna arena da luta de classes. Bakhtin (1997, p. 46) completa: “Esta dialética interna do signo não se revela inteiramente a não ser nas épocas de crise social e de comoção revolucionária.”. A classe dominante tenta tornar o signo monovalente, no entanto, o signo possui duas faces.

Em contraponto ao signo, dependente de uma situação social, há o sinal, o qual é imutável e sempre igual a si mesmo, Bakhtin (2006) ressalta a necessidade de um contexto para se fazer valer o signo, em sua variedade e flexibilidade, de forma que, a verdadeira compreensão de algo aconteça na significação que assume em uma enunciação particular e não apenas na descodificação da forma linguística.

Na concepção de Bakhtin em relação ao signo como ideologia e de ambos como sociais, é possível que se compreenda que o signo reflete, ou deveria refletir, a realidade de determinada classe social, quando isso não acontece, isto é, quando há uma ideologia dominante que se sobrepõe a da classe, é o que se chama falsa consciência.

[...] se renuncia à visão de mundo própria do grupo social ao qual pertence até então, é unicamente porque a ideologia de outro grupo social terá investido na consciência do sujeito, tendo-a invadido e obrigado ao reconhecimento da legitimidade da realidade social que a produziu. (RODRIGUES, RANGEL, 2015, p. 1135)

3. A abordagem de Fiorin

Na perspectiva da semântica discursiva enquanto área da linguagem que sofre influências sociais, Fiorin (1998) diz que a linguagem pode ser abordada de diferentes formas, por ser um fenômeno que pertence a diferentes áreas e que, portanto, a distinção dos níveis e dimensões da linguagem se faz necessária, para que se esclareia a afirmação de que a linguagem é, ao mesmo tempo, delimitada pelas formações sociais, mas, também, usufrui de alguma autonomia quanto a isso.

A primeira diferenciação a ser feita é no tocante ao sistema virtual (a língua) e sua concretização. A língua é social porque é comum a todos os seus falantes, ela é “a rede de relações que se estabelece entre um conjunto de elementos linguísticos” (FIORIN, 1998, p. 11) e se realiza nos atos de fala: o discurso (combinações linguísticas usadas por um indivíduo, a fim de se comunicar com mundo) e a fala (ato individual, exteriorização psico-físico-fisiológica do discurso).

A fala é entendida como a exteriorização do discurso, portanto não sofre qualquer determinação social, “é o ato concreto, momentâneo e individual da manifestação da linguagem” (FIORIN, 1998, p. 12).

No que diz respeito à língua, apesar de ser possível supor a influência de fatores sociais em sua história, é difícil de se comprovar. Quan-

do a causa das mudanças, em um sistema linguístico, se perde, este último ganha autonomia, assim, as mudanças provenientes de aspectos sociais são consideradas mudanças com origem da língua em si mesma. Tendo em vista esse quadro, as determinações sociais devem ser procuradas no nível do discurso.

No discurso há o campo da manipulação consciente e o campo da determinação inconsciente. O campo da manipulação consciente é o da sintaxe discursiva e consiste em estratégias com o fim de convencer alguém a respeito de algo. A ideia é criar efeitos de sentido de verdade. Apesar de ser chamada de consciente, pode ser usada inconscientemente por hábito.

Para Fiorin (1998), o campo da determinação inconsciente é o da semântica discursiva e onde há determinação ideológica. O referido autor explica que “o conjunto de elementos semânticos habitualmente usado nos discursos de uma dada época constitui a maneira de ver o mundo numa dada formação social” (1998, p. 19). Desse modo, discursos de naturezas diferentes se utilizam dos mesmos elementos semânticos, devido aos diferentes valores atribuídos.

Uma formação ideológica pressupõe uma formação discursiva, Fiorin (1998) conceitua formação ideológica como um conjunto de ideias que representam a forma como determinada classe social vê o mundo e formação discursiva como a materialização de uma dada visão de mundo a partir de figuras e temas. Sabendo que não existe pensamento sem linguagem, considerando pensamento em seu caráter conceitual, assim, também, não existe ideologia sem linguagem. O aprendizado linguístico acontece juntamente com a ideologia, logo, um corresponde ao outro. Dessa forma, o discurso é mais uma reprodução que uma criação.

Vale enfatizar que, apesar de Vygotsky (1987) afirmar que o pensamento e a linguagem tem origens diferentes, eles se desenvolvem de forma que tornam-se indissociáveis, pois, partindo do fato de que a linguagem é um fenômeno social é possível deduzir que, tal como ela, o pensamento também é social.

Ora, se a consciência humana é uma consciência social, então a atividade mental é um processo de fora para dentro e, destarte, nenhum discurso é individual. Ele é um amontoado de ideias adquiridas da sociedade e repassadas por um enunciador de forma inconsciente. De acordo com Fiorin (1998, p.42), “o homem coagido, determinado, aparece como criatura absolutamente livre de todas as coerções sociais”.

O discurso pode ser um lugar de reprodução, conflito e heterogeneidade, apesar de servir como instrumento ideológico e ser pautado na reprodução, pode não reproduzir a ideologia dominante, no entanto, isso seria resultado de contradições da realidade em questão, tal como o sentido que uma palavra assume depende do meio, por exemplo as palavras “gorda” ou “preto” recebem uma conotação negativa enquanto as palavras “magra” ou “branco” são mais bem vistas.

4. A linguagem e a ideologia na sala de aula

A compreensão dos conceitos de linguagem e ideologia e como se relacionam permite que se estude esse fenômeno na sala de aula, lugar onde se tem acesso à cultura e ao conhecimento das gerações anteriores e vigentes. Isso posto, é possível entender como a palavra auxilia na reprodução da ideologia dominante, porém, também possibilita o desenvolvimento de um senso crítico.

Também é pertinente explicitar o modo como o processo de aprendizagem da língua materna e de assimilação da cultura se dão concomitantemente, tornando-se, assim, indissociáveis. Dessa forma, tem-se a finalidade de destacar a importância da linguagem na construção do ser.

Para Karl Marx, a escola faz parte da superestrutura e por conseguinte é instrumento de reprodução da hierarquia social e de controle das classes dominantes sobre as classes dominadas,

As ideias passadas pela escola burguesa à classe operária, passadas ao proletariado por professores ao serviço da “reprodução” cultural-social (e, neste sentido, “o educador tem ele próprio de ser educado”), criam uma falsa consciência de classe. (LOPES, 2012, p. 3)

Nessa perspectiva, o professor assume papel de mantenedor da ideologia dominante e lança mão de discursos para isso.

Entretanto, toda palavra (todo signo) reflete e refrata a realidade, é um fragmento material dela e não é unissona, e por meio dela se criam ranhuras, brechas, possibilidades de produção (nem sempre reprodução) material e não material da vida. (RODRIGUES; RANGEL; 2015, p. 1136)

O professor insere-se em um lugar em que há a possibilidade de reprodução, no entanto as possibilidades de reprodução são diferentes, ou seja, cabe a ele entender sua posição e se colocar como mediador entre as diversas formas de ver o mundo, entre as diferentes ideologias que se dão com discursos diferentes. Para Bakhtin (2006), a construção de um dis-

curso não se dá no nada, mas é resultado de uma constante interação entre uns e outros, dessa forma, a criação do discurso de um indivíduo é também a criação da ideologia e a reprodução tanto desta quanto do discurso. Todavia é necessário lembrar que a existência de uma ideologia dominante não exclui a existência de outras ideologias e a pluralidade de diálogos, os quais podem ser estabelecidos mediante a contrariedade entre as visões de mundo.

Conforme explana Freire *apud* Silva (2012),

[...] o conteúdo deve ser ensinado, apreendido, aprendido e conhecido junto com as implicações político-ideológicas; por isso, a importância da “leitura de mundo” em relação dinâmica se impõe com o conhecimento da palavra-tema, do conteúdo, do objeto cognoscível, da compreensão do mundo em que situa o educando. (FREIRE *apud* SILVA, 2012, p. 41)

Destarte, a leitura de mundo e a leitura das palavras são inseparáveis e, se assim o é, então, a política e a ideologia são parte essencial do estudo na sala de aula, não apenas essencial, como não há estudo nem linguagem sem a ideologia e o peso cultural que lhes é conferido naturalmente. Não é difícil de se concluir que, a ideia de um discurso não-ideológico é impossível, principalmente ao se falar num contexto escolar onde a dialogia tem um papel fundamental na formação dos cidadãos.

Dessa forma, todo discurso, carregado de ideologia, não deve ser mascarado pela chamada neutralidade, a discussão deve ser o ponto de partida. A ideologia em si não é o problema, e sim a dominação de apenas uma que suprime as outras.

O processo de formação do sujeito se dá em sua interação com a cultura e, portanto, a linguagem a qual é exposto, não a assimilando passivamente, mas sendo um sujeito ativo na transformação do mundo, ao mesmo tempo em que se deixa transformar por ele: “[...] por isso devemos ser conscientes de que é possível a transformação, juntamente com o esforço crítico-educativo” (SILVA, 2012, p. 127).

Nessa visão, o aluno é formado pela linguagem aprendida e formador dela, no sentido de que ele dialoga com ela, num processo de moldar e ser moldado. À vista disso, a coexistência de diferentes discursos promove a confluência entre eles, de modo que, a contradição existente entre diferentes formas de ver o mundo torna a linguagem incompleta, no sentido de estar sempre se formando, sendo dinamizada pelo processo de tornar-se.

A aquisição da linguagem se dá juntamente com a aquisição da

cultura, diz Bakhtin que (2006, p. 109) “Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal”, portanto, no interior da palavra há a cultura, também emaranhada em seu significado e em seu sentido, ajudando à construção do aluno, tanto enquanto ser crítico quanto entendendo-se como pertencente à sua realidade, e ainda como um ser que faz parte de uma sociedade. “Os sujeitos não ‘adquirem’ sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência.” (BAKHTIN, 2006, p. 110).

A tomada de consciência só se torna possível quando se compreende a dimensão da cultura como parte do eu em sua constituição, apenas quando se está compenetrado em sua própria realidade é possível entendê-la com suas particularidades e, então, buscar soluções. Partindo dessa premissa, “o homem não vive autenticamente se não se achar integrado criticamente à sua realidade” (FREIRE *apud* SILVA, 2012, p. 55).

Então, cultura e ideologia também estão imbricadas, uma vez que esta última é influenciada pela cultura que lhe é ensinada também. Nesse sentido, o processo de apropriação da própria cultura é também um processo de reconhecimento de si, com a finalidade de libertação do ser humano, em favor de torná-lo um ser pensante, dono de sua própria identidade.

Em suma, a perspectiva acerca da linguagem apresentada nas obras de Bakhtin e de Fiorin se relaciona com a ideologia constantemente e a palavra como ponte para interação entre os indivíduos desempenha um papel fundamental na difusão de determinada ideologia. Assim sendo, a sala de aula tem um papel importante para formação dos cidadãos ao se utilizar da linguagem para explorar diferentes pontos de vista e para valorizar a cultura cotidiana.

5. Considerações finais

O caminho percorrido nesse estudo teve como ponto de partida a linguagem e sua atuação na interação social, isso levou ao desdobramento de múltiplos fatores advindos da sua íntima relação com diversos aspectos da sociedade. Sua relação com a teoria marxista tornou possível sua abordagem nas relações trabalhistas e, a partir daí, no contexto escolar.

Bakhtin (2006) e Fiorin (1998) foram excepcionais em suas abordagens acerca da linguagem, colocando-a num ângulo em que é possível

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ver sua conexão com tantos aspectos da vida cotidiana, destrinchando o nível da aparência e entrando no nível da essência, quando a palavra não somente revela seu poder mas, também, a visão de mundo do enunciador.

Nesse enfoque, torna-se possível entender como o conhecimento está relacionado à linguagem e como ambos são fundamentais para o processo de formação do aluno, em seu reconhecimento como parte da sociedade. Nesse entremeio, o aluno é formado pela sociedade e também a forma, num processo de reconstrução constante e inacabável.

Em relação à proposta apresentada pelo artigo, as obras de Bakhtin e de Fiorin, cada qual a seu modo, propiciaram contemplar o ambiente da sala de aula, levando em conta a relação aluno e professor e a relação que a linguagem entre os sujeitos servindo de ponte para o conhecimento.

É nítida a importância da linguagem, sua presença em todo ato do indivíduo a torna um objeto de estudo complexo, com diversos olhares possíveis para desenvolvê-la, principalmente no que diz respeito à sua atuação na socialização em si, em que a capacidade da palavra, de carregar diferentes sentidos em diferentes realidades, mostra-se portadora de um valor enorme, tendo em vista que seu estudo é de uma relevância imensa.

Assim, espera-se ter sido relevante a abordagem acerca do assunto e também que contribua tanto para o prosseguimento das pesquisas nessa área, quanto para a fomentação sobre a discussão sugerida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec; 2006.

FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. 6. ed. São Paulo: Ática; 1998.

GERALDI, J. W. A linguagem em Paulo Freire. In: *Educação, Sociedade & Cultura*, Revista do Centro de Investigação e Intervenção educativas da Faculdade de Psicologia e de ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Afrontamento, n. 23, dez. 2005, p. 7-20.

LOPES, P. *Educação, sociologia da educação e teorias sociológicas clássicas: Marx, Durkheim e Weber*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (ISSN: 1646-3137), 2012. Disponível em: <http://bocc.ubi>.

pt/pag/lopes-paula-educacao-sociologia-da-educacao-e-teorias-sociologicas.pdf. Acesso: 19 nov 2019.

RADAELLI M. E. B. Contribuições de Vygotsky e Bakhtin para a linguagem: interação no processo de alfabetização. In: *Rev Thêma et Scientia*. 2011.

RODRIGUES, J. N.; RANGEL, M. Da linguagem à ideologia: contribuições bakhtinianas. In: *Perspectiva*, Florianópolis, V. 33, n. 3, p. 1015-42, set./dez. 2015.

SILVA, D. D. *Bakhtin e Paulo Freire: a relação do eu e do outro e as relações dialógicas para a prática da liberdade*. Tese. 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2275>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Bakhtin e os processos de desenvolvimento humano. In: *Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.*, São Paulo, V. 20, n. 3, p. 745-56, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-1282201000030009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 nov. 2019.

VOLOSHINOV, V. N. Estrutura do Enunciado. Tradução de Ana Vaz. In: TODOROV, Tzevan. *Mikhail Bakhtin: le principe dialogique*. Paris: Seuil, 1981.

VYGOTSKY, L. C. *Pensamento e linguagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.